

# ALBORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 47 do 4.º Ano—N.º 197

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 4 de Setembro de 1914

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

## OS BARBAROS

Por maior gravidade e importância com que se apresente qualquer fenómeno imprevisito ou anormalidade social, ocorrida ou ocorrendo, depois dum certo período de discussão em que ela é analisada em todos os seus aspectos e efeitos—começa por cançar o espirito critico e, de anormalidade que era, passa a integrar-se na nossa vida quotidiana e a transmutar-se no facto banal e corrente. E' por isso que eu temo dispor mal o leitor para comigo se lhe disser que vou falar-lhe da guerra-europeia, já sufficientemente e doutamente discutida ao jantar, no botequim, no passeio, no barbeiro, na Havaneza, na repartição, em toda a parte onde se encontrem duas criaturas com a forma humana. Que direi eu, então, da guerra que não esteja já dito e discutido?

Se não receasse irritar a opinião unânime e que me alcunhassem de reacionário eu diria, por exemplo, uma coisa que eu julgo inédita para a maioria dos leitores, qual seja a de que essa horda de bárbaros que estão invadindo a França civilizada tem por pátria não a Zululândia mas um país avançadíssimo em todos os campos e em todos os tempos. Eu sei que dizer isto equivale a uma heresia para os espiritos sentimentais, que, a par dessa bela qualidade, trazem consigo também muita ignorância. A gente ouve e lê todos os dias que a «Alemanha é um país de bárbaros» e que esta guerra é «a luta da civilização contra o espirito conservador e retrógrado». E todos nós, em gesto de aplauso, gritamos—muito bem! Abaixo a Alemanha retrógrada! Morte aos bárbaros do século XX!

Ora esta idea da Alemanha como nação incivilizada e da guerra que ela faz actualmente como simples guerra de extermínio selvagem é tão falsa que eu julgo conveniente esclarecer um pouco este ponto a quem mal avizado ande. Com efeito, alcunhar a Alemanha de terra de bárbaros e não lhe conceder o direito de fazer a guerra é desconhecer por completo as condições intellectuais e materiais desse grande povo. Nós desejamos, é certo, e apesar de tudo, o aniquilamento politico desta nação, e isso é tanto mais razoável quanto está dentro do instinto de conservação, inerente ás colectividades como ao individuo isolado. Porém há criaturas, a maior parte, que não veem os fenómenos no seu conjunto e nas suas causas iniciais e primitivas, mas simplesmente pelos incidentes secundários que estes fenómenos provocam, fazendo assim base crítica e opinião consumada pelos telegramas dum jornal e julgando um povo pela figura antipática do seu kaiser de bigodes mais ou menos provocantes. A esses é necessário dizer-se-lhe o que a Alemanha é e tem sido através da História.

Ela tem sido a terra sagrada das inovações e a demolidora dos

grandes preconceitos da humanidade. Quando no século XVI e em plena florescência religiosa a Igreja católica dominava o mundo, a Alemanha faz o movimento revolucionário da Reforma invocando o principio da liberdade de consciência. Este movimento de emancipação que teve começo na esfera religiosa estendeu-se naturalmente ao domínio filosofico e politico, dando assim um enorme impulso à causa da liberdade na Europa. Esta orientação espirital do livre-exame tem sido sempre a característica dominante do povo alemão, até que, na época contemporânea, nós vemos esse dilatado espirito critico assentar definitivamente na base científica, pela derrocada das teorias creacionistas e da concepção metafisica do mundo e do homem. Luthero é o grande reformador religioso—Haeckel o grande reformador científico.

Nessa terra de bárbaros tem brotado, como em terra propicia, os grandes matemáticos, os grandes sábios, os grandes filósofos, entre elles—Kant, cuja enorme influencia na filosofia europeia se estende por todo o século XIX e chega ainda a nossos dias. Nessa pátria conservadora se tem criado todos os grandes reconstructores do espirito universal, só comparáveis aos primeiros pensadores da antiguidade—Fichte, Schelling, Hegel em cujas ideas filosoficas tanto se concretiza o espirito e características da raça alemã. Modernamente Schopenhauer, Hartmann e Nietzsche cuja moral violenta resume todo o orgulho desta raça poderosa e consciente da sua força. Na biología Humboldt, Vogt, Büchner e Haeckel sam nomes imortais e verdadeiros revolucionários da sciência. O socialismo que na Alemanha tem, como todos sabem, uma enorme representação parlamentar apresenta o nome conhecidíssimo de Karl Marx. Este povo atrazado, inculto, possui uma literatura vasta e rica que tem em Goethe e Schiller os seus mais poderosos vultos. Este povo, na barbaria primitiva, cultivava as artes maravilhosamente e apresenta na pintura uma escola opulenta, na arquitetura uma pujança inextinguível e na musica a mais vigorosa pleiade de artistas de genio que a Humanidade tem consagrado e que se chamam—Bach, Mozart, Haydn, Beethoven, Schumann, Meyerbeer, Wagner e Strauss. Este povo, sob um dominio autocrata, goza todas as liberdades de que se orgulham os povos avançados do nosso século. A sua legislação encerra principios da mais ampla liberdade. No que respeita a instrução a Alemanha é um dos países onde se educa melhor, sob o ponto de vista moral e fisico. As suas universidades sam célebres em todo o mundo. Os seus centros comerciais e industriais sam vastíssimos e prósperos. E' esta a Alemanha de hontem e de hoje—terra de bárbaros.

Deve um povo destes ser con-

siderado inimigo da civilização, só porque levantou a guerra entre as nações? Mas quais foram as razões que levaram o povo alemão a pegar em armas senão uma necessidade de maior progresso, de maior expansão, de mais dilatado campo para a sua vasta civilização? Hoje não se fazem guerras simplesmente por motivos dinásticos ou questões religiosas, mas toda a guerra moderna é um choque de interesses económicos, uma luta de interesses vitais.

A Alemanha levantou a guerra porque, sentindo-se engrandecer dia a dia, sente naturalmente a necessidade de expandir o seu engrandecimento económico pelo alargamento territorial; mas, como no ciclo organico a vida se alimenta da morte, da expansão da Alemanha resultará o aniquilamento ou absorção doutra ou doutras nações. Por consequência estas nações, directamente feridas, unem-se num esforço comum e defendem-se. E' também natural e é justo. E' a luta pela vida da qual sahirá vencedor o mais apto, o mais forte, luta que obedece às leis biológicas enunciadas por Darwin.

E se nós, portugueses, queremos o aniquilamento da Alemanha não é tanto pela simpatia e pelo que nos prende aos aliados em intellectualidade e em afinidades etnográficas, mas por nosso próprio interesse, por instinto de conservação.

Eu bem sei que ao nosso sentimentalismo de meridionais repugnam as atrocidades (verdadeiras ou falsas) de que as gazetas nos dam noticia corrente. Mas a crueldade, afinal, é própria da guerra. O homem civilizado, na guerra, regressa naturalmente aos seus instintos primitivos. Demais, o que isoladamente é considerado crime não pode ser visto sob o mesmo critério quando praticado em conjunto, devido à irresponsabilidade das multidões. A irritabilidade produzida no espirito germânico por uma resistência inesperada e uma agressão geral das restantes nações, leva-os, nessa luta de vida ou de morte, a excessos que à sentimentalidade latina causam indignação.

Diz-se tambem que a Alemanha não respeitou o direito das gentes. Mas quem o respeita hoje, nesta época de egoismo feroz e de ferocíssima concorrência? O direito internacional é uma hipocrisia, é uma máscara que todas as nações arrancam na primeira oportunidade em que o podem fazer sem perigo. Qual a guerra em que o direito das gentes tenha sido integralmente respeitado, de começo a final? Nenhuma, que eu saiba.

Em resumo: é natural e é lógico que, neste conflito, nós desejemos ver a Alemanha vencida, derrotada, mas é preciso que a cegueira e o desejo de vencer nos não induzam a negar a este grande país as grandes qualidades que ele possui e o muito que tem contribuido para o progresso da humanidade. A Alemanha, cuja assombrosa coragem a levou à guerra aberta quasi com todo o resto da Europa, politicamente é duma unidade absoluta, militarmente é

um bloco de aço; por consequência este combatente homogénio e colossal é um terrível adversário. Mesmo vencido, como por instinto desejamos, deve ser causa da nossa admiração e do nosso respeito e a civilização que ele espalhou pelos continentes já mais desaparecerá da face da terra.

Mário Cardozo.

### Nas Escolas Centrais desta cidade, há professores que não trabalham! Um confronto edificante

A acrescentar ao que dissemos em nossos números anteriores, temos hoje para oferecer à consideração dos nossos leitores *mais um mapa*—este sobremodo edificante pela demonstração eloquentíssima que do mesmo modo se é obrigado a tirar com desprestígio para as Escolas Centrais desta cidade.

Mais alto do que as palavras são os factos aqueles que falam e servem a evidenciar do mérito e da dedicação dos funcionários escolares. Contra esses mesmos factos é que não há, não pode haver campanhas de antipatias nem tampouco jogos de números que ofusquem e desmintam a sua veracidade.

Em favor do argumento aduzido de que as escolas não devem ser fábricas de exames, pretende-se, é manifesto, criar e alimentar a idea de que, *embora as Escolas Centrais apresentassem poucas crianças a exame, essa poucas, todavia, estavam optimamente habilitadas.*

Viu-se isso? Não viu, ou antes, viu-se mas foi precisamente o contrário. **As Escolas Centrais apresentaram relativamente poucas crianças a exame, e essas poucas, más!**

Esta prova fêz-se não só pelo resultado das classificações, mas dum modo especial e iniludível pelo que disse a este jornal o sr. dr. Nicolau Gonçalves, presidente de um dos júris nesses exames, e que aqui no número passado reproduzimos.

Não duvidamos que a esta hora já andem cerzindo doestos e apóstrofes contra a pessoa deste nóvel professor. A sinceridade e a franqueza que este nosso amigo amavelmente quiz dispensar à «Alvorada», será nos conclaves da intriga motivo para remordimentos interiores e ajustadas represálias,—como se o falhante e conhecido processo das tiradas tribunicias entre «filosóficos», de café outro merecimento ou alcance atingisse que não fôsse o de agravar mais uma situação, patenteando des-

pedagógicas em certos professores primários não passa de balofas exterioridades, de palavras bombásticas, de tretas.

E pois que o parecer público só de obras cure saber para exprimir seus conceitos e juízos, vamos nós à demonstração que aqui convém tratar. Para exemplo busquemos a vila de Fafe (sede), onde há 4 escolas officias ensinando cada uma respectivamente as quatro classes.

As quatro escolas comprehendendo, pois, 4 professores, obtiveram cada uma o seguinte resultado:

Em exames de 1.º grau

14 aprovações, sendo 4 com distincção
7 " " 5 " "
17 " " 13 " "
16 " " 15 " "

Isto é: 14 professores officias, na vila de Fafe, vingam em exame de 1.º grau 54 alunos, sendo 37 com distincção, enquanto que o trabalho de 9 professores das Escolas Centrais desta cidade só vingaram 21, e destes só 6 com distincção!

Em exames de 2.º grau:

13 aprovações, sendo 5 com distincção
5 " " 1 " "
14 " " 6 " "
4 " " 2 " "

Ou seja: 14 professores officias, na vila de Fafe, vingam em exame de 2.º grau 36 alunos, sendo 14 com distincção, enquanto que o trabalho de 9 professores das Escolas Centrais desta cidade só vingaram 15, e nenhum destes com distincção!

Resumindo, o mapa edificante dá isto:

**19 professores nas Centrais. 36 exames!**  
**14 professores em Fafe, 9 exames!**

A vantagem é evidente, o corolário de confronto é esmagador: quasi um terço a menos de professores, dois terços e pouco a mais de alunos aprovados em exame.

Calcule-se: **1** professor official de Fafe, ministrando as quatro classes, produziu quasi tanto como os 9 professores das Centrais de Guimarães!!

**1** O professor de Fafe—31; os 9 professores de Guimarães—36!

Dum lado [o trabalho persiste modo que isto de competências tência, a vontade esforço, o brio profissional.

Do outro lado a enércia, o não te rales, a ausência de brio. **1** Alguém veio à imprensa desculpar e atenuar este mal que parece sem remédio?

**1** Alguém, efectivamente, veio à imprensa sómente para agravar, para mais salientar com a sua petulância e grosseirismo inconfundiveis a triste e lamentavel decadência moral e profesoral das Escolas Centrais desta cidade!

POETAS NOVOS da nossa terra

PARA QUE VIVER?

(Do livro "Eu sem estrelas", em preparação)

¿Pra que viver, Ireia, quando a vida,  
Desmentindo quiméras de criança,  
Nos faz notar terrífica mudança  
No fogo duma crença fementida?...

¿Pra que pensar naquela luz perdida,  
Que alumia o ceu duma Esperança,  
Se a arder-nos o futuro na esquivança,  
Nos rouba o sol duma Ilusão querida?...

¿Pra que viver, ó meiga e doce Ireia,  
Se a voz que geme ao longe da sereia,  
Nos faz repercutir na Alma a tristeza?

Como a vida é terrível e pungente,  
Quando entre os soes dum génio inocente  
Se mete o grande abismo da incerteza!

Jerónimo Martins da Rocha.

APARIÇÃO DA LUA

(A Serafim Rodrigues)

Lá sobem, á tardinha, p'los auteiros,  
A passos compassados, a cantar,  
O povo da lavoura — os caminheiros —  
Que vão para os casais a descañar.

E o Sol luta: desfaz-se de belésa:  
A Natureza é de oiro: tudo arde...  
Tragédia de Sol-pósto — que tristeza!  
Começa a noite... terminou a tarde.

Lares acesos: fumo pelo ar...  
Arbustos p'las encostas a resar...  
Batem trindades... horas são da ceia...

Ceu estrelado! linda claridade!  
Da cor da noite sou... que suavidade!  
— Oh minha Mãe: vem ver a Lua-cheia!

Leão Martins.

Modas e costumes

Temos aqui diante de nós o programa das Associações de Defesa dos Costumes Cristãos, organizações que, vindas da França e da Bélgica, teem no nosso país uma amostra, pois ainda não foi possível lançar a ideia senão em Coimbra. O seu exclusivismo religioso é-nos antipático, já o dissemos, pois não compreendemos que a moral dos bons costumes haja de cingir-se a dogmas de fé.

Mas, laicizadas ou não estas associações de senhoras, se nelas a marca católica romana é evidente que as inclina para o exagero da repressão, não se pode contudo deixar de dizer que coisas boas o seu programa estabelece. Em antes, porém, de mais nada, será curioso fixar aqui em síntese quais as suas características proibitivas, impostas ás suas associadas.

E' contra:

- a) Os decotes e «travadinhas»;
- b) As danças afrodisiacas;
- c) Os postais e cinematógrafos pornográficos;
- d) A maledicência, etc.

Já suficientemente ficou aqui discutida a matéria dos decotes e «travadinhas», nada mais sendo preciso acrescentar para que estejamos em pensamento com S. Francisco de Sales, citado por Alves Matoso: — «A modéstia e a simplicidade no vestir servem de recomendação aos rostos graciosos, e conciliam simpatia aos menos favorecidos da natureza».

Ou ainda com o dizer reflectido da baronesa Staffe: «Precavamos-nos contra a affectação no vestir; não queiramos parecer bonecas acabadinhas de sair duma caixa. A verdadeira elegância não consiste em complicar os vestidos, mas em simplificar-los».

Da mesma opinião foi o erudito escritor Antero de Figueiredo numa magistral conferência realizada no atelier de Teixeira Lopes, e que por aí corre impressa.

Falemos, pois, de danças... afrodisiacas. O «Tango argentino» é, de preferência, o que merece acressençuras no programa das supra-citadas associações. Sabe-se mais que o Papa lhe contrapoz a «Furlana», — o que é meio caminho para incorrerem em pena de ex-cumunhão aqueles ou aquelas que, depois desta mutação, optem pelo Tango.

Cuidado porém. O jesuita, nas suas catequeses sombrias onde insuflava o desprendimento desta vida, também dizia ás jóvens que os bailes eram lugares de perdição inventados pelo diabo para perverter as almas. Será bom que se não chegue a estes exageros.

No Tango pode mais o sensual

que, por exemplo, no público minuet. Todavia não é elle uma dança apache, se o par que o dance lhe poser virtude nos seus coalementos de serpente.

Façamos pois a educação da vista e dos sentires interiores: caso contrário, levado se é então a banir a própria valsa e polca janota, visto que toda a dança, em regra, traz o contacto, quer porque se haja de cingir a dama pelos rins — «o equadrô dos desejos» — quer porque do próprio atfar dum colo — «os dois templos consagrados ao amor» — a lascivia se desperta.

Oh! não queira a catolicidade dos vários Godinhos espalhados sobre a terra pautar modelos para as diversas manifestações da vida, esquecidos de que só o espirito cultivado e esclarecido pode ser o lazareto moral contra os maus costumes...

Reparamos agora que isto vai levar longe, e melhor é, pois, deixar para o número immediato — se o ár marítimo que nos vai beijar, não nos solver a paciência e o bom humôr necessário.

O milagre de República

O «Diário do Governo» publicou, em suplemento, as contas de gerência do ano económico (1913-1914) acusando um saldo positivo ou **superavit de 5610 contos.**

E' ministro das Finanças o sr. dr. Santos Lucas, — extra-partidário. A parte final do relatório, termina assim:

«Semelhante resultado, que marca época e pelo qual a nação deve congratular-se por ver que os seus sacrificios, é, seguramente, devido à orientação dada ás finanças públicas na penúltima gerência, ás medidas então promulgadas para dar estabilidade ao equilibrio orçamental, a fim de evitar que este se ressinta de qualquer eventualidade, e ao incessante progresso do país pelo desenvolvimento dos seus recursos, que teem aumentado de maneira incontestável a riqueza pública e, conseqüentemente, as rendas do tesouro. Perseverar no caminho encetado seria a norma aconselhada se as circunstâncias actuais, com inúmeras dificuldades que originam e se levantam por toda a parte, em virtude dos trágicos acontecimentos que dominam a Europa no tempo presente, não viessem de maneira iniludível contrariar esse propósito. As cri-

ses que se manifestam diariamente e outras que se anunciam, re-presentam todas onerosos encargos para o tesouro, seja pela diminuição de receitas, seja pelo aumento de despesas. Em todo o caso, por mais difficil que seja a situação, pelo que possa apparecer e que não se prove até onde possa chegar, o governo não hesitará, como lhe cumpre, em atender ao que seja indispensável, usando, contudo, da maxima prudência para resolver as dificuldades que surjam, e defender o melhor que possa, os interesses do tesouro e dos contribuintes, consoante as circunstâncias da occasião.»

O preço dos géneros

Desde 1 de Agosto que está em vigôr um decreto que fiscaliza e regula o preço dos géneros de primeira necessidade e pelo qual se preceitua que, sem autorização da autoridade administrativa, é expressamente prohibido, sob pena de desobediência qualificada, elevar os preços constantes das relações em poder da mesma autoridade os quais podem ali ser consultados pelo público interessado.

Em algumas terras do país, nomeadamente no Porto e Lisboa, os lojistas que fazem o comércio desses artigos reuniram em suas associações e fixaram uma tabela de preços, totnando-se depois do dominio geral por meio da imprensa.

Queríamos ver entre nós emittido este exemplo, evitando-se assim queixas infundadas e abusos que, collocando mal o comerciante, torna desconfiado e descontente o cliente.

Estas medidas de prevenção, que então, de resto, justificadas pela natureza e gravidade do momento, tiveram, nos tempos em que a liberdade do comércio era restrita, a força e o respeito dos costumes. Então eram as Câmaras Municipais abrigadas, de acôrdo com os representantes das artes e officios não só a estabelecer tabelas regimentais para o preço de tudo quanto se vendia, mas ainda a mandar os seus *almotacis* fiscalizar o preço e pêsso dos referidos artigos.

— Ora, pois, façam os interessados de *almotacis*, entretanto que se não fixe e torne público a tabela dos preços convencionados.

Por falta de número não se realizou ontem a sessão ordinária da Comissão Executiva.

ARVORES FRUTIFERAS

Notas sobre a sua cultura em Portugal (1)

Os pomares de caroço e de pevide acham-se disseminados por todo o território português, continental e insular, porque Portugal, pelas suas excepcionais condições, geográfica, agrológica e climatérica, franqueia largo acesso á actividade deste ramo da agricultura. E, porque a Natureza nos dotou com tão invejados privilégios, forçoso é aproveitá-los conscienciosamente, para que se torne cada vez mais próspera uma fonte de benefícios para lavradores e consumidores, cuidando-se com afincio em impulsionar e alargar a indústria dos frutos, aprimorando as qualidades, criando variedades novas adaptáveis a cada clima e solo, procurando abrir novos mercados e favorecendo a promulgação de medidas protectoras que estimulem os esforços individuais e colectivos.

Não devemos desanimar com as difficuldades devidas aos contratempos e insucessos das primeiras tentativas que se façam, antes á custa de perseverança e algum sacrificio procuremos melhorar as condições de vida das plantas, com adubações e podas racionais bem dirigidas, com os adequados tratamentos preventivos e curativos contra os diversos males de origem animal e vegetal que tanto invadem os pomares, e poucos anos volvidos criaremos, a prosperidade e a abundância, e com elas a legítima satisfação de obtermos uma justa recompensa para as nossas canceiras e actividade.

E' condenável, perante a razão e as conveniências nacionais, deixar quasi estacionária a pomicultura, quando as nações progressivas como a França, a Espanha, a Itália e os Estados Unidos do Norte dia a dia buscam expandi-la, porque encontram mercados internos e externos sempre prontos a receber os produtos da sua assombrosa actividade. Esses povos sabem que no maior desenvolvimento comercial acham a verdadeira compensação da cultura, pois ao passo que esta aumenta e melhora, proporcionalmente se dilatam as transacções, com reciproca conveniência, e a ampliação dos mercados, além de ser essencial ao bem estar da lavoura, indica sempre força conceitual e força produtiva.

Maior será para nós, que vivemos quasi exclusivamente do solo, a obrigação de as imitar, seguindo na mesma esteira e orientando todos os possíveis esforços para que seja menos lento e tardio o resurgimento aprimorado da cultura frutífera, que tão afamada era em época nãa muito remota.

E' certo que será preciso uma rasgada iniciativa e muita propaganda, firmadas em bases sólidas, para pôr em jogo a acção conjunta do particular, das colectividades e dos poderes públicos, e, vencendo obstáculos, seguir avante uma era de prosperidade. Essa iniciativa, auxiliada pela propaganda, apparecerá quando haja a verdadeira compenetração de que é um crime de lesa-patriotismo o nosso atraso e a nossa imperdoável negligência neste ramo agricola.

Urge, quanto antes, divulgar, de norte a sul do país, a boa prática cultural, quer pela conferência, quer pelo livro, para que também chegue ao conhecimento do mais modesto operário rural, porque, uma vez posta em evidência, conseguiremos a radical transformação de velhas usanças e a resolução de um importantissimo problema agricola, entre nós apenas esboçado.

Esta prática consiste em saber educar e tratar o arvoredo; ter

perfeito conhecimento do modo de ser das plantas; da sua conveniente alimentação; das condições mais apropriadas ao seu melhor desenvolvimento; dos vários modos de as produzir e melhorar para assegurar a conservação de qualidades caracteristicas e essenciais; as suas relações com os agentes naturais, e, finalmente, das revoluções económicas da produção, de modo que o capital e o trabalho, verdadeiras e unicas alavancas do progresso, alcancem o máximo resultado, isto é, haja a maior quantidade possível de benefícios pelo menor custo e com a máxima longevidade das plantas.

E, para que tudo isto se consiga, traduzido em factos positivos, é igualmente indispensável que a árvore receba cuidadoso tratamento desde a infância; que se lhe façam, oportunamente, os decotes, as podas, as despontas, as espoldras e a esladroagem; que se lhe forneça o suficiente e proporcional alimento para o seu vigor e produção; que não se lhe recusem as competentes cavas e sachas; que seja regada de quando em vês para lhe proporcionar alimentos solúveis no solo e para a refrigerar dos ardores do estio; que não se poupe nenhum tratamento preventivo e curativo contra os males que amesquinham e bastas vezes provocam o seu completo aniquilamento; emfim, é preciso não esquecer ou descurar as regras que dão bem estar ao arvoredo e trazem fartura á casa e deleite aos olhos e ao espirito.

Do Boletim Trimestral da Associação Protectora da Arvore

(1) Um nosso consócio, que tem tanto de perito como de modesto ofereceu este trabalho á A. P. A. que reconhece a agradece.

Expediente

Retirou para a Povoação de Varzim, onde tenciona demorar todo o mês de Setembro, o director deste semanário. Daquella praia elle continua fazendo a direcção deste semanário, continuando os serviços de administração a serem tratados no estabelecimento do sr. Camilo Laranjeiro dos Reis, ao Toural.

Código de Posturas

O novo Código de Posturas do concelho de Guimarães, com os regulamentos anexos ao mesmo, pode ser adquirido na Câmara Municipal pelo preço de 20 centavos.

Desnecessário será recomendar aos munícipes a conveniência em fazerem a aquisição desta lei, que, dizendo respeito á vida municipal dos cidadãos vimaranenses, a todos os momentos se lhe torna necessário consultar, evitando assim que elle possa por vezes ignorar aquilo que dum modo mais ou menos directo o interessa.

PARA PIANO

«Estou bem, obrigado», é o título duma composição para piano, paródia ao «Tango argentino».

A' venda na livraria Avelar Machado, rua do Poço dos Nregos, 21—Lisboa.

**Cantina Escolar Vimaranesse**

Balancete mensal do estado financeiro da Cantina, relativo a Junho findo, alinea f) do artigo 5.º dos Estatutos:

Receita	
Saldo do mês de Junho:	
Na caixa económica 350\$000	} 402\$50,5
Em cofre . . . . . 52\$50,5	
Recebido da Câmara Municipal . . . . .	500\$00
Da irmandade de S. Gonçalo, de S. Domingos . . . . .	2\$00
Da confraria do S. S. da Oliveira . . . . .	5\$00
Da V. O. T. de N. Sr.ª do Rozário . . . . .	3\$00
Produto de lavaduras . . . . .	\$36
Importância de quotas recebidas . . . . .	9\$54
<b>Total da receita . . . . .</b>	<b>922\$40,5</b>
Despesa	
Ordenado da cozinheira . . . . .	2\$76
Idem da servente . . . . .	1\$84
Gratificação anual ás mesmas . . . . .	8\$00
Pago à padaria J. Santos, pão de milho . . . . .	10\$70,5
Idem à padaria Costa, pão para sopa . . . . .	9\$69,7
Idem à mercearia . . . . .	1\$75
Farinha de pau . . . . .	6\$95,5
Despesas miudas diárias da cozinha . . . . .	1\$00
7% ao cobrador . . . . .	7\$97
Expediente . . . . .	\$66,5
2 Terrins de folha e senhas . . . . .	\$10
	\$50
<b>Total da despesa . . . . .</b>	<b>42\$24,5</b>
Na caixa económica 850\$000	} 880\$16,5
Em cofre . . . . . 30\$16,5	

O TEZOUREIRO,  
**L. A. de Pina Guimarães.**

**EDITAL**

(1.ª Publicação)

A junta de paróquia civil de freguezia da Oliveira, de harmonia com o preceituado no art.º 11.º do Regulamento para a instrução militar preparatória, avisa os pais, tutores, patrões ou pessoas a cargo de quem estejam os mancebos com idade de 10 a 16 anos completos, e que residam nesta freguesia, a comparecerem na Secretaria da mesma Junta, afim de serem inscritos no respectivo recenseamento, a cuja inscrição se procederá em todas as quintas feiras e domingos,

desde as 16 ás 18 horas, a contar da data do presente edital até ao dia 20 do mês corrente.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares do costume.

Guimarães, 2 de Setembro de 1914.

O Presidente,

**Avelino de Faria Guimarães.**

**EDITAL**

(1.ª Publicação)

**A Câmara Municipal deste Concelho de Guimarães:**

Faz saber que no dia 23 do próximo mez de Setembro pelas 12 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública o rendimento das barracas da Praça do Mercado desta cidade, pelo tempo dum ano, com principio no dia 29 de Setembro próximo, designadas pelos numeros 1 a 29 e 34 a 60, sob a base de licitação de 10\$70 escudos de renda anual por cada dois números.

Esta arrematação é por lances verbais nunca inferiores a dez centavos, reservando a Câmara a sua entrega quando não convenham aos interesses do Municipio.

As que não tenham licitantes voltam á praça na sessão seguinte.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 27 de Agosto de 1914. E eu **José Maria Gomes Alves**, Chefe da Secretaria da Câmara, o subscrevi.

O presidente,

**Mariano da Rocha Felgueiras.**

**EDITAL**

(1.ª Publicação)

**A Câmara Municipal deste Concelho de Guimarães:**

Faz saber que no dia 16 do próximo mez de setembro, pelas 12 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a obra de reparação e melhoramento de um muro de suporte e construção de um aqueduto para esgôto das águas do sub-sólo da estrada Municipal de Guimarães à Penha—lanço da Costa à Penha—sob a base de licitação de 455\$00.

O depósito provisório, que será de 2,5 %, é feito na ocasião da praça, e o depósito definitivo será de 5 % e depois da adjudicação.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 27 de Agosto de 1914. E eu **José Maria Gomes Alves**, Chefe da Secretaria da Câmara, o subscrevi.

O presidente,

**Mariano da Rocha Felgueiras.**

**Missa de legado**

A Misericórdia desta cidade manda celebrar na sua igreja, no dia 8 do próximo Setembro, pelas 10 horas, uma missa em cumprimento do legado instituído pelo seu bemfeitor José Mendes da Costa Guimarães.

Guimarães, 28 de Agosto de 1914.

O Provedor.

**VENDE-SE**

Uma casa de habitação, cita na Travessa de Camões n.º 23 a 25, construída de pedra, com-

pletamente nova, composta de dois andares com salas, quartos e água furtada.

As trazeiras, bastante desafogadas e com lindas vistas, confrontam com uns quintais.

Tratar com o próprio dono, António Marinho, Hospedaria Pinheiro.

**Casa Penhorista Vimaranesse**

Fundada em 1880

**Rua da República 144 GUIMARÃES**

**Leilão de Penhores**

De harmonia com o decreto de 1 de Outubro de 1900 se faz público que no dia 18 de Outubro e seguintes, pelas 9 horas, na sede desta casa, proceder-se há à arrematação de todos os objectos depositados, que por falta de pagamento dos respectivos juro se julgam abandonados.

Guimarães, 4 de Setembro de 1914.

Os Proprietários,

**Peixoto & Rocha.**

**Anúncio**

(2.ª Publicação)

**CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL DE VIZELA**

3.ª empreitada

Pela Comissão Administrativa da Misericórdia de Guimarães se anuncia que no dia 13 de Setembro próximo futuro, pelas 10 horas, perante a comissão administradora reunida na Sala do Despacho, anexa ao Hospital da Misericórdia, no lugar dos Capuchos, na rua Trinta e Um de Janeiro, em Guimarães, se recebem propostas em carta fechada para a execução duma empreitada parcial relativa à obra de trolha e pintor no edificio do Hospital de Vizela, em construção, sendo a

base de licitação de (4:400\$00) quatro mil e quatro centos escudos.

As medições, desenhos do projecto e programa do concurso da arrematação estão patentes, todos os dias úteis, desde as 10 horas às 15, em Guimarães, na Secretaria da Misericórdia, junto ao hospital da mesma.

A proposta de praça será formulada da seguinte maneira:

O abaixo assinado, residente em . . . . ., obriga-se à execução da empreitada parcial relativa a obra de trolha e pintor no edificio destinado para o hospital de Vizela, anunciada por anúncio de 17 de Agosto do corrente ano, em harmonia com o projecto, programa do concurso de arrematação e regulamento, em vigor, pela quantia de . . . . . (por extenso)—Data e assinatura (por extenso).

Esta proposta será fechada num envelope, o qual será encerrado dentro doutro conjuntamente com o documento de ter sido efectuado o depósito provisório de (110\$00) cento e dez escudos, na Secretaria da Misericórdia, obrigação de ser efectuado o depósito definitivo de 5 por cento do valor da adjudicação, e atestado de habilitação para dirigir por si mesmo as obras, ou obrigação de confiar a execução delas a pessoa competente e que como tal seja aceite pela Comissão Administrativa da Misericórdia.

A proposta e documentos serão em papel selado e reconhecidas as assinaturas.

A Comissão Administrativa da Misericórdia reserva o direito, se assim o resolver de abril licitação verbal entre os concorrentes, sendo a base de licitação e proposta mais baixa.

Guimarães e Secretaria da Misericórdia, 17 de Agosto de 1914.

O provedor,

**António Pereira da Silva.**

**CÓDIGO DE POSTURAS**

O Capitulo 1.º deste Código, trata dos projectos, licenças, alinhamentos, cotas de nivel e outros requisitos relativos a construções e reconstruções de edificios.

Art. 1.º—Não é permitido, na ária do concelho de Guimarães, ainda que seja dentro de propriedade particular ou recinto fechado por paredes, edificar, reedificar ou de qualquer modo alterar edificios ou sómente parte deles sem que o respectivo risco ou projecto seja aprovado pela Câmara e bem assim pela mesma concedida a necessária licença.

Art. 2.º—O pedido da licença a que se refere o artigo anterior será acompanhado das plantas dos diversos pavimentos, alçados, cortes, tudo em escala não inferior a 1/100, memória descritiva e mais esclarecimentos que a Câmara julgue necessários para se verificar se são atendidas as disposições da lei geral e posturas municipais.

Art. 3.º—Junto à via pública ou a qualquer lugar público, ainda que seja estrada de 1.ª ou 2.ª ordem, não se poderá construir ou modificar qualquer muro ou parede, valado, sebe, nem abrir qualquer porta ou portão nestas vedações, sem prévia licença da Câmara.

§ único.—Para as obras de que trata este artigo é dispensável a apresentação do respectivo projecto ou risco, excepto quando a construção tenha de ser feita dentro da cidade ou das povoações de Vizela e Taipas.

Art. 4.º—A Câmara deverá negar aprovação

a qualquer projecto, sempre que lhe encontre defeito grave, quer seja pela forma inconveniente das fachadas ou faces expostas ao público ou pela má disposição das portas, janelas e mais pertencas das mesmas fachadas, ou ainda por qualquer infracção das disposições deste Código ou de lei aplicável, mas indicará sempre os motivos da recusa e modificações ou cláusulas com que se presta a aprovar o projecto.

Art. 5.º—Os alinhamentos e cotas de nivel necessários para a execução de qualquer obra, serão dados pela Câmara a pedido do interessado que com elles se conformará, sob pena de, não os observando, ficar sujeito à multa de 20 escudos e mais responsabilidades que por lei lhe incumbam.

§ único.—São dispensadas de alinhamento e cotas de nivel:

1.º—As obras que tenham de ser feitas junto à rua ou lugar público que faça parte de qualquer estrada de 1.ª ou 2.ª ordem, excepto se essa estrada estiver, nessa parte, entregue à Câmara Municipal.

2.º—As reconstruções que não abranjam o andar inferior ou rez-do-chão.

3.º—As edificações e reedificações no interior de pátios ou quintais já murados sobre a via pública com alinhamento dado pela Câmara.

Art. 6.º—Sendo necessário ceder algum terreno público, confinante com o terreno alinhado, ou adquirir algum deste para alargar ou regularizar a via pública, a Câmara só fixará definitivamente o alinhamento depois da respectiva avaliação por peritos que para esse fim nomiará, e de ter, no primeiro daqueles casos, cobrado a indemnização arbitrada.

§ 1.º—Não pagando o interessado, ou não se conformando elle ou a Câmara com o valor arbitrado pelos peritos, será a indemnização liquidada nos termos das leis de expropriação por utilidade pública, salvo se o interessado desistir da edificação dentro do prazo de 15 dias a contar da data da avaliação.

§ 2.º—Aquele que ocupar terreno público, antes do alinhamento ter sido definitivamente fixado, será punido com a multa de 10 escudos.

Art. 7.º—Emquanto não começarem as respectivas construcções ou reconstruções, poderá a Câmara modificar os alinhamentos e cotas de nivel, se assim o entender conveniente, ficando os interessados, depois de intimados das modificações, obrigados a aceitá-las, sob pena do disposto no artigo 9.º deste Código, salvo a restituição, a que tenha direito, de qualquer indemnização recebida.

Art. 8.º—A aprovação do projecto de qualquer obra pela Câmara não isenta os respectivos donos do cumprimento das disposições deste Código de Posturas ou de qualquer lei que lhes seja applicável.

Art. 9.º—Aprovado pela Câmara o projecto e dado o alinhamento e cotas de nivel, quando necessários, passar-se há a licença a que se refere o artigo 1.º, a qual se juntará o duplicado do mesmo projecto, depois de se lhe ter averbado, por extracto, a deliberação da Câmara que o aprovou, data desta deliberação e condições do alinhamento fixadas pela Câmara, ficando o outro exemplar e requerimento em que fôr pedida a aprovação devidamente arquivados na secretaria municipal.

Continua.

Horário dos comboios

Ascendentes

ESTACÕES	*	Rápido		* Diário	* Correio	* Diário	* Diário	* Diário
		Diário	Diário					
<b>Linha de Guimarães</b>								
FAFE	P.	4,50	7,15	12,28	16,05			
Guimarães	C.	5,43	8,08	13,21	16,58			
"	P.	5,61	8,16	10,49	13,29	19,57	21,30	
Vizela	P.	6,12	8,33	11,13	13,49	17,30	20,18	21,50
Lordelo	P.	6,23	8,43	11,25	14,00	17,42	20,30	22,01
Negrelos	P.	6,38	8,54	11,41	14,14	17,57	20,44	22,13
Santo Tirso	P.	6,59	9,13	12,02	14,35	18,19	21,04	22,33
Trofa	C.	7,19	9,30	12,23	14,54	18,39	21,25	22,52
			Directo		Expresso			
Valença	P.	3,23	6,	7,55	13,20	15,25	16,40	18,50
Viana	P.	5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19	21,7
Braga	P.	6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04	22,05
<b>Linha do Minho</b>								
TROFA	P.	7,00	9,44	12,41	15,54	18,57	21,47	23,07
Porto	C.	8,56	10,30	13,22	16,39	19,56	23,04	23,56
Trofa	P.	8,06	9,46	15,05	19,58			
Braga	C.	8,56	11,15	15,58	21,20			
Viana	C.	8,31	11,47	16,26	22,33			
Valença	C.	10,50	13,19	17,31	23,17			
<b>L. da POVOA</b>								
Porto	P.	8,35		15,48	17,54	19,57		
Campanhã	P.	8,48		16	18,05	20,30		
Lisboa	C.	14,31		1,13	23,53	6,25		

Descendentes

ESTACÕES	*	Rápido		* Diário	* Correio	* Diário	* Diário	* Diário
		Diário	Diário					
<b>Norte</b>								
Lisboa	P.	18,55		21,35	21,35	8,30		
Campanhã	C.	0,19		7,35	7,35	14,07		
Porto	C.	0,32		7,50	7,56	14,17		
<b>L. Minho</b>								
Porto	P.	4,30	7,26	7,44	8,43	14,18	17,10	18,44
Trofa	C.	5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50	19,53
Trofa	P.	5,51		8,36	9,46	15,05	17,52	19,58
Braga	C.	7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58	21,20
Viana	C.	8,31		10,25	11,47	16,26	19,20	22,33
Valença	C.	10,50		13,19	17,31			9,17
<b>L. da POVOA</b>								
Porto	P.	4,35		8,03				16,35
								16,35

- \* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha, Cepães e Palmeira
- o Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Espinho, Madalena e Covas.
- Idem em Espinho, Madalena, Covas e Palmeira.
- Idem em Cepães.

Livraria editora  
GUIMARÃES & C.ª

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Relialosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volume publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

A LUZ DO SOL Sistema WIZARD é a melhor luz do mundo.

A luz sistema WIZARD além de ser muito económica e muito simples é também a mais barata até hoje conhecida em Portugal.

Serve tanto para o interior como para o exterior de qualquer habitação.

Ilumina as vossas habitações e tereis o sol em casa pois VIZARD é a última palavra sobre iluminações intensiva.

Cada lâmpada tem o poder iluminante de 500 velas e acende com fósforos como o gaz e o seu consumo é um litro de gazolina em 24 horas.

O maior sucesso da actualidade!!

Maravilhoso sistema de iluminação!!

Pedir informações ao correspondente em Guimarães

J. Cardoso Guimarães.

Instituto Médico-Dentario

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICORDIA, 4

CONSULTAS às quintas sextas-feiras.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato.

Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga Merceria e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, frutas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Aneora

24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial.

Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

Oficina e Depósito de Guarda-sóis e Bengalas

—DE—

Manuel Lopes Ferreira dos Santos

67, TOURAL, 69

(Antigo Largo dos Cestos)

GUIMARÃES

Acha-se esta oficina instalada no Toural, 67, 68 e 69, casa aonde esteve a antiga chapelaria do sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos. Nela se vendem, fazem e concertam bengalas e guarda-sóis em preto e côr para homens e senhoras.

Concertos rápidos.

Perfeição.

Preços módicos.

DISPONÍVEL

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

Ano . . . . . 1\$200 rs.  
Semestre . . . . . 600 "  
Brazil, ano (moeda forte) . . . . . 2\$500 "  
Número avulso . . . . . 30 "

Anuncios e comunicados, por linha . . . . . 40 rs.  
Repetição, por linha . . . . . 20 "  
Permanentes, contracto convencional.  
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ao Cidadão